

CAPÍTULO IV

PREDISPOSIÇÃO - MEIO AMBIENTE E TERAPEUTA

E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?

Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais, mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus.

Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.

Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

Tendo dito isto, cuspiu na terra, e com a saliva fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego.

E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado). Foi pois, e lavou-se, e voltou vendo. (João 9: 1 a 7)



E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. (João 9:1)

O MATERIALISMO

1 – Desde o seu aparecimento na crosta planetária, o ser humano encontra-se cego no que tange à percepção espiritual.

Cegueira significa a condição patológica na qual se verifica a incapacidade de registrar os estímulos luminosos. A luz por excelência é a do Criador, e quando o indivíduo não a consegue detectar, estamos diante de um caso de cegueira espiritual denominado materialismo.

O Cristo demonstrou absoluto conhecimento desta deficiência congênita do homem. Somente com a evolução a humanidade desenvolve este “sentido”. Assim, como a visão se constitui na última aquisição sensorial, sucedendo ao tato, gustação, olfato, e audição, a sensibilidade para se captar a luz divina surge após laborioso e prolongado trabalho de ascensão.

2 – O que vê cada Terapeuta (Tp) ao seu redor? Seguindo as pegadas de nosso Terapeuta Modelo, percebemos que Ele vê um homem, fato que já contém em si uma preciosa lição. O enfermo é, antes de tudo, um ser humano, com recordações e saudades, afeições e idéias, esperanças e metas. Para o Tp *epidêmico* isto representa uma questão muito secundária, pois seu interesse se localiza na alteração clínica e na providência imediata para debelá-la; o Tp *muscular* entrevê o homem, contudo valoriza principalmente os possíveis fatores que deflagraram a doença, enfatizando os aspectos econômicos, sociais, psicológicos e médicos, e o Tp *cerebral* que reconhece no paciente a sua condição fundamental de criatura humana, e embora não desprezando a enfermidade nem os fatores do ambiente, sabe que a importância deles depende da vulnerabilidade do doente, e esta, por sua vez, do grau de maturidade espiritual do enfermo.

3 – Além de divisar um homem, o Cristo detecta-lhe o distúrbio, fazendo um diagnóstico: cegueira congênita. O diagnóstico clínico serve, como já visto, para definir qual Recurso Terapêutico será utilizado. Apesar da lesão ter repercussões sérias para o indivíduo, não se pode afirmar que fosse originado por uma patologia grave. Se admitirmos que a cegueira deste paciente fosse devida a uma catarata congênita, proveniente de rubéola materna no período fetal, sem outras seqüelas, pode-se afirmar que a ciência médica atualmente realiza, através de uma delicada cirurgia oftalmológica, nos primeiros meses de vida um milagre semelhante ao descrito no Evangelho, em lhe surgindo um enfermo nas mesmas condições. O mecanismo usado pelo Cristo para alcançar o êxito, ainda se nos escapa por completo. Nem todos os indivíduos portadores de cegueira são passíveis de cura, por existirem lesões realmente irreversíveis nestes casos ainda que todos os fatores da equação *Resposta Provável* favoreçam muito ao restabelecimento do organismo, isto não acontece, em função do “veto” da patologia.

4 – Com o progresso da medicina, muitas doenças tidas antigamente como incuráveis, hoje não mais o são. Recordando a conclusão do caso número 3, onde vimos que, na maioria dos casos existe uma Expectativa de Cura (EC) reduzida no Paciente (Pc) e no Terapeuta (Tp), e daí a enfermidade exercer uma influência decisiva no Resultado Provável (RP), entendemos porque tanto empenho na busca de soluções para a doença e a enorme desatenção para com o potencial interior do enfermo. O Tp, geralmente, não estimula estes dispositivos internos porque também não os possui, e desacredita na existência deles, sendo assim igualmente cego para muitas coisas que estão adormecidas no homem. Quando se encontram Pc e Tp nestas condições, o prognóstico não é nada animador porque *se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova* (Mateus 5:14).





E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?
(João 9:2)

SUSCEPTIBILIDADE E VACINAÇÃO

5 – A pergunta pode ser enfocada do seguinte modo: a enfermidade depende de si mesmo ou é uma conseqüência da hereditariedade?

Ao fator hereditário tem se imputado as maiores responsabilidades de um sem número de moléstias, sejam congênitas ou não. Quando não se descobre uma causa extrema para um mal orgânico, atribui-se-lhe à constituição individual, o que representa, indiretamente, aos próprios genitores.

Debita-se à própria pessoa somente os distúrbios provenientes de erros alimentares graves, hábitos nocivos e desequilíbrio emocional.

A filosofia popular pressupõe a existência de desencadeadores pessoais na gênese das enfermidades. Grande parte, porém, das criaturas admite, com naturalidade, que alguém possa nascer com lesões de maior ou menor gravidade pelo simples acaso, posto que a carga genética que lhe foi destinada durante a fecundação apresentava deficiência ou imperfeições.

Por outro lado, algumas religiões justificam tal hipótese como sendo um castigo para os pais, em face de uma conduta repreensível no pretérito. E quanto ao protagonista principal, transforma-se num instrumento da justiça divina, rebaixada neste caso às concepções bem humanas e mesquinhas.

6 _ Outra tradução da pergunta dos discípulos seria: “Mestre, quem é o responsável pela enfermidade, o indivíduo ou o meio ambiente?”

Consideremos os diferentes graus de Enfermidade (*discreta, moderada e grave*), cuja origem e evolução estariam dependendo da intensidade da predisposição, isto é, paciente com tendência leve a fazer uma doença, apresenta-a na modalidade *discreta*; com propensão regular, na forma *moderada*, e, com tendência acentuada, no tipo *grave*.

A suscetibilidade ao meio ambiente varia conforme o nível de predisposição: tendência leve, pouco suscetível; moderada, suscetibilidade média, e, acentuada, muito suscetível.

Analisemos o vírus da poliomielite em relação a estes três grupos e, conseqüentemente, a utilidade da vacinação.

a) tendência leve, pouco suscetível – alterações mínimas quando em contato com o poliovírus: em geral, restringe-se a uma infecção passageira de vias aéreas superiores.

– vacinação: valor escasso; são “naturalmente” imunes (vide complementação caso 4, item 9, alínea b).

b) tendência moderada, suscetibilidade média – provavelmente alterações neurológicas transitórias, com algum risco durante o período mais agudo, seguido de recuperação integral ou lesões permanentes discretas.

– vacinação: importância razoável.

c) tendência acentuada, muito suscetível – durante o estágio agudo ficam extremamente acometidos, necessitando cuidados intensivos, e posteriormente com seqüelas pronunciadas.

– vacinação: muito importante.

7 – Tanto a saúde quanto a enfermidade decorre da interação do indivíduo com o meio, e supervalorizar um dos fatores em detrimento do outro gera distorções. Se o componente externo pode ser relegado a segundo plano no Pc pouco suscetível, o mesmo não acontece com aquele, cuja suscetibilidade é dilatada. Vejamos os equívocos:



a) supervalorização da tendência individual – neste caso, o Tp considera que, em todos os casos, o vírus desempenha um papel passivo, apenas destruindo a parte do organismo que este mesmo já deteriorou, e afirma que os microorganismos são “varredores” de detritos orgânicos. Acha que a vacinação é inútil, pois o Pc imunizado contra o poliovírus que tenha tendência para uma doença deste tipo, estruturará uma Ef semelhante, de gravidade e consequência idênticas, sem qualquer agente externo (vide item número 9). Este enfoque parece só visualizar o indivíduo em si mesmo, colocando sempre o meio como submisso a ele. É um raciocínio contraditório entre os homeopatas.

b) supervalorização do meio ambiente – invertem-se os papéis, e todo o poder é atribuído ao poliovírus; sabe-se que a grande maioria das pessoas ao entrar em contato com o agente da *paralisia infantil* apresenta apenas um *resfriado*, mas acaba-se desprezando este fato e para proteger uma minoria, todos são vacinados maciçamente, o que significa uma conquista, mas ainda não é o ideal, porque alguns indivíduos são hipersensíveis à vacinação desenvolvendo alterações em função disto. É o enfoque predominante entre alopatas.

Esta conjunção dos fatores (Pc e meio) aplica-se a inúmeras situações especialmente clima e alimentos. À pergunta “isto faz mal?”, pode-se responder “depende da pessoa e da dose”; o que é venenoso para muitos, pode ser razoavelmente tolerado por poucos, mas conforme a dosagem ninguém escapa à intoxicação.

8) Aplica-se o mesmo raciocínio ao campo mental. A pessoa suscetível de se prejudicar devido a uma influência perniciosa, deve evitá-la até capacitar-se ao contato sem trazer-lhe danos. Num ambiente que lhe seja mais propício pode fortalecer-se e reduzir a sua vulnerabilidade, o que se comprovará no futuro, por ocasião de uma nova aproximação.

Assim, o indivíduo pouco suscetível está relativamente imune ao meio, e o muito suscetível, bastante sujeito ao ambiente, o que torna válida a concepção da “Psicologia Comportamental” (Behaviorista) para certos casos. O problema reside em querer dar, em todos os casos, um excessivo valor ao agente externo.

À medida que adquire domínio sobre si mesma, a criatura deixa de ser um produto do meio ambiente, e transforma-se em administrador autêntico do seu próprio “eu” e construtor independente de seu destino em regime de plena imunidade, podendo então, questionar à semelhança do Cristo: ***quem dentre vós me convence de pecado?*** (João 8:46)





Jesus respondeu: nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus.
(João 9:3)

ENFERMIDADES E ENFERMOS

9 – Para apreender esta resposta do Cristo, sem cair no mistério ou na irresponsabilidade, recorremos a outra citação evangélica: ***porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que se castraram a si mesmo por causa do reino dos céus...*** (Mateus 19:12).

Estudemos separadamente cada um dos três casos citados por Jesus, observando que apesar da doença ser a mesma, os enfermos são completamente distintos:

a) ***há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe*** – A deficiência ou enfermidade é própria do indivíduo, condizendo com uma predisposição acentuada de manifestar o distúrbio, que remonta à fase uterina.

b) ***há eunucos que foram castrados pelos homens*** – a predisposição mostra-se mais leve, contudo, o meio ambiente atua sobre o sujeito de modo desfavorável, precipitando o aparecimento da alteração. Não há referência a uma tendência exagerada, e sim destaca-se o prejuízo causado pelo meio externo. Temos que admitir, então, que se grupo anterior (item *a*) prescinde do fator ambiental para o surgimento da Ef, em função da elevada tendência individual, o mesmo não ocorre neste tipo, onde as forças internas desajustadas seriam insuficientes para detonar a Ef, e a participação do ambiente (nutrição, clima, higiene, salubridade, emoções, tensão, etc.) tem um papel relevante.

Outro ângulo deste item encontra-se na mudança de comportamento que algumas pessoas apresentam, quando induzidas pelos que as rodeiam; criaturas sérias revelam-se temporariamente libertinas; abstêmias, subitamente se embebedam, e honestas, de repente trapaceiam. Pode-se dizer que o relativo grau de liberdade desfrutado por estes indivíduos foi castrado pelo seu ambiente; num meio mais digno, atuariam de maneira mais equilibrada.

10 – c) ***há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do reino dos Céus...*** – não existe predisposição intensa, como no grupo *a*, provocando o aparecimento da Ef espontaneamente, nem sequer uma predisposição discreta, como no grupo *b*, que necessita do componente externo para a manifestação da Ef.

Neste agrupamento, a Ef é uma opção voluntária visando um bem maior. O entendimento desta questão exige noções de renúncia e altruísmo, para se alcançar o seu sentido mais profundo. A desvantagem transitória num determinado aspecto, mas que favoreça a execução de um trabalho ou redunde em benefício de alguém, é uma iniciativa incomum nesta atmosfera onde o egoísmo prevalece. A capacidade de assimilar o sofrimento em doses cada vez maiores, sem perturbar-se, representa um índice seguro de evolução espiritual. *Dize-me de que maneira te comportas no sofrimento e direi quem és. Cada um sofre de um modo, segundo o nível em que se acha: este, maldizendo; aquele expiando; outro, bendizendo e criando. Das três cruces plantadas no Gólgota, iguais todas, três brados diversos partiram. Somente justiça e amor é a reação dos grandes*¹.

11 – Esta última EF, portanto, não é conseqüência de pecado (ou predisposição) do Pc, nem de seus pais, ou seja, nem devido à influência do ambiente, incluindo os genitores e tudo que envolve o Pc. Em seguida, o Evangelho acrescenta ***mas, foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus***. Acreditamos que as obras de Deus referem-se às virtudes presentes na conduta desta criatura, cuja elevada ascensão espiritual permite-lhe castrar-se em algo por causa do reino dos céus. Este comportamento de renúncia e abnegação expressa qualidades superiores, e significa que a criatura encontra-se capacitada a refletir a sua origem divina. O restante do capítulo 9 do Evangelho de João,



todo dedicado ao desdobramento e repercussões desta cura, destaca um convalescente seguro, corajoso e desprendido, e o seu posterior testemunho perante as autoridades incrédulas viria confirmar as palavras do Cristo.

A interpretação de que *manifestar nele as obras de Deus* se refere somente à cura prestes a se efetuar conduz à conclusão que tais benefícios aconteceriam apenas naqueles que não têm pecado, e talvez, por isto, muitos suponham que o Cristo só curou os que já tivessem quitado seus respectivos débitos para com a Lei. Este raciocínio parece-nos transformar os casos de restabelecimento clínico do Evangelho em clamorosas farsas, pois Jesus estaria se aproveitando de um fato consumado, o cumprimento de uma punição, e aparentando uma interferência salutar. Não, o Cristo não dependia da ausência de pecados para exercer sua bondade e poder, tal como o cirurgião independe da postura moral do Pc para operá-lo. Não fora assim, e o Evangelho e a medicina ficariam à mercê de eventuais enfermos, cuja doença estivesse em vias de esgotar sua função.

Para não deixar nenhuma dúvida quanto ao seu papel de elemento ativo, capaz de alterar as disposições do destino das criaturas, e com isso ensinando-nos a buscar outros fatores que igualmente possam fazê-lo, o Cristo asseverou, após curar o paralítico de Cafarnaum: ***Filho, perdoados estão os teus pecados.*** (Marcos 2:5)





Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.

(João 9:4)

AS DIFERENTES FASES

12 – Jesus Cristo declara que existem fases mais propícias à realização das obras divinas, e elas devem ser aproveitadas, porque nos períodos adversos nada se pode fazer. Esta observação do Terapeuta Modelo é de extrema utilidade. Qualquer um que se proponha à função de Tp terá que atentar para este fato.

Enquanto é dia, ou seja, nos períodos em que o Tp vê tudo com clareza, não se sentindo intimamente pressionado por angústias, conflitos ou receios, há que se empenhar no seu próprio aperfeiçoamento através do estudo e do aprimoramento de sua prática. A paralisação do profissional num determinado nível de seu desempenho transforma o trabalho numa rotina e gera uma insatisfação, por vezes, incontrolável. Isto acontece, freqüentemente, com o Tp que estabelece compromissos financeiros que o assoberbam, impedindo-o de investir em seu progresso intelectual. Além disto, as *obras de Deus* têm que começar no interior do próprio Tp; o esforço para tornar-se mais equilibrado, compreensivo e desenvolver maior boa-vontade para com os doentes, constituem metas nobres, as quais não se atinge gratuitamente. No primeiro item busca-se a capacitação como profissional, e, no segundo, como ser humano. Somente quando partem do Tp, estas conquistas podem se irradiar e, projetando no meio, construir igualmente, fora dele, as obras de Deus, proporcionando os júbilos da cura, a resistência para com o sofrimento prolongado e a firmeza de ânimo diante dos insucessos.

13 – Nas horas sombrias, ninguém pode trabalhar. Mesmo o profissional mais competente, vez por outra, sente-se dominado por incertezas e inquietações, e assolado por problemas e dificuldades que lhe nublam o raciocínio e cerceiam-lhe a vontade. Nestes dias, o Tp que tem a consciência tranqüila entra numa espécie de latência e trabalha semi-automatizado, esperando o raiar de um novo dia, que sabe inevitável. E quando este surge, deleita-se em sua atividade e dedica-se com entusiasmo, depositando todas suas forças no engrandecimento do RT ao qual serve ou na recuperação dos enfermos, e se acontece de sobressair-se pela sua atuação brilhante, recolhe-se em si mesmo, transmitindo à bondade divina todos os méritos, conforme a conceituação evangélica: ***Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso pai, que está nos céus.*** (Mateus 5:16)





Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

(João 9:5)

TERAPEUTA E EXPECTATIVAS DE CURA

14 – O Tp que não vê o Cristo no mundo, enxerga-o sem valores e desprovido de potencialidades. Por isto, afirmamos no capítulo anterior que mesmo na condição de Tp, o indivíduo pode ter uma Ec que, ao invés de acreditar na possibilidade de restabelecimento dos enfermos – como a Ec tipo ativa (convicta e vacilante) ou passiva (ativa em potencial e intercessória) – enquadra-se entre os tipos que dificultam a cura: descrente, displicente e refratária. As duas primeiras espécies vêem à luz, isto é, concebem de alguma forma a chance de cura.

Traçaremos algumas características dos diferentes Tp, de acordo com a sua EC:

15 – a) Tp com *EC ativa-convicta*: é o otimista incondicional, capaz de visualizar boas perspectivas nos momentos mais dramáticos e desfavoráveis. Insufla pensamentos positivos sempre, e acredita, sinceramente, na reversão dos piores prognósticos. Este tipo de Tp tem a vantagem de levantar o ânimo de enfermos e familiares saturando a atmosfera psíquica de esperança, mas, quando o fracasso terapêutico se torna inevitável, costuma encontrá-los despreparados e se instala um clima de intensa decepção. Em se tratando de personagem estimada pelo povo, e sendo o processo terapêutico conduzido por Tp com *EC ativa-convicta*, o exagero de otimismo nos boletins médicos podem causar um trauma emocional em muitas pessoas, se o desfecho for negativo.

O Tp em que predomina esta EC deveria trabalhar principalmente com portadores de doenças crônicas, em que o estado psicológico tenha nítida influência no quadro clínico, pois ajudariam muito na sustentação do “tônus” mental do Pc.

16 - b) Tp com *Ec ativa-vacilante*: assemelha-se muito ao tipo anterior, mas em meio à sua grande convicção de que os pacientes são curáveis, apresenta surtos de dúvida e, nestas ocasiões, não consegue inspirar tanta confiança no êxito do tratamento. Embora isto seja útil em algumas circunstâncias, quando o fracasso terapêutico é muito provável, transforma-se numa deficiência, se o paciente for recuperável. É necessária bastante experiência clínica e uma boa dose de intuição para somente vacilar nos casos em que isto, realmente, se justifica.

O campo de ação deste Tp seria o mesmo do tipo anterior, com a vantagem de também se adequar nos casos de evolução insatisfatória.

17 – c) Tp com *EC passiva (ativa em potencial)*: em geral deixa o doente entregue às próprias forças, acreditando que o final dependerá única e exclusivamente da vontade e empenho do paciente. Porém, se este demonstra necessidade, ou desejo de uma participação mais efetiva ou dinâmica por parte do Tp, o mesmo transmuta-se em elemento ativo e conduz o processo com segurança e habilidade.

Embora o Cristo nos tenha exemplificado em diversas passagens evangélicas uma atitude de *EC ativa*, a exemplo do *paralítico de Betesda* (caso número 2) e do *cego de nascença*, vê-se que por ocasião dos apelos do *cego de Jericó* (Marcos 10:46), o Terapeuta Galileu atua no papel de *EC passiva-ativa em potencial*, tendo em vista que o enfermo só foi atendido após uma certa persistência na rogativa, sendo interpelado por Jesus de uma forma pouco usual: *que queres que te faça?*, como a ensinar que, em alguns pacientes, o resultado está no limite deles, porque o Tp poderia suprir-lhe em todas as suas múltiplas deficiências, contudo, deve abster-se de propor qualquer objetivo terapêutico, para não desencontrar-se dos interesses do Pc, e frustrar o pouco que seria factível alcançar. Outra lição que extraímos nesta reflexão é a da versatilidade. Já havíamos constatado que a *EC ativa-*



vacilante tinha um campo de abrangência mais amplo do que a *ativa-convicta*, por abarcar também casos de evolução desfavorável e, agora, observamos que o Tp deve ser flexível, a ponto de retrair sua capacidade de dinamizar a EC em alguns enfermos, secundando-o apenas dentro de seus horizontes.

O Tp em que prevalece a *EC passiva-ativa em potencial* tende a deixar o Pc muito entregue a si próprio, não se esforçando para conscientizá-lo do valor, por exemplo, de uma fisioterapia, após um traumatismo importante, ou da observância da dieta para um diabético. Possivelmente, encontrará na cirurgia o seu terreno adequado, considerando especialmente o lado curativo da mesma que, entretanto, depende de uma anuência do Pc, ou seja, o Tp só intervém decisivamente quando o doente lhe faculta o ensejo e, então, o Tp assume por completo a condução do caso, chegando com grande freqüência ao êxito; pouco depois, libera de novo o Pc, desfazendo todos os vínculos, e se for necessária alguma complementação a longo prazo, geralmente fica a cargo de outro especialista clínico, exceto se há indicação de nova abordagem cirúrgica.

18 – d) Tp com *EC passiva-intercessória*: o Tp intercede por outros recursos para sanar o problema do Pc, encaminhando-o com enorme freqüência para outros profissionais, na tentativa de solução. A maneira dos indivíduos que levaram o parálítico para ser curado pelo Cristo, este Tp crê na chance de sucesso com a participação de outros Tp e/ou Recursos Terapêuticos (RT), podendo incluir não só os recursos médicos clássicos, como também o esporte, a religião, a arte etc.

O Tp com predomínio desta EC sente-se confortável no papel de clínico geral, solicitando o concurso de outros Tp freqüentemente.

Diante de certas dificuldades, o pedido de auxílio revela-se uma atitude salutar e justa. Assim é que entendemos afirmativa do Cristo: ***Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai pois ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara.*** (Lucas 10:2).

19 – e) Tp com *EC descrente* – Este Tp não vê potencialidade curativa natural no organismo e nem nos RT. Tudo se resume a comprovar a enfermidade, o que não significa incompetência profissional; pelo contrário, as especialidades médicas que lidam na área do *diagnóstico* propiciam uma contribuição valiosíssima no atendimento aos enfermos. Administradores de hospitais, radiologistas, patologistas, anestesistas etc. formam uma rede indispensável à atuação dos demais terapeutas.

É necessário registrar que esta classificação não tem valor absoluto, e as inversões não são raras, portanto, encontramos profissionais que não atuam no âmbito da cura propriamente, ou seja, não lidam com medicamentos, cirurgias, vacinas, psicoterapias, fisioterapia, etc., antes se dedicando a atividades mais relacionadas à administração de serviços de saúde e execução de diagnósticos, que, entretanto, mostram EC muito maior do que outros profissionais que trabalham nos ramos considerados terapêuticos. Desta forma, um radiologista pode ter uma *EC ativa*, ao passo que um clínico, uma *EC descrente*; em conseqüência, o estímulo curativo que transmitem aos seus pacientes é distinto um do outro.

20 – f) Tp com *EC displicente* – O Tp inicia com entusiasmo, porém desiste ante os primeiros obstáculos. São capazes do maior otimismo nos casos reconhecidamente complexos, e se a resposta não se faz rápida, desistem por completo, relegando os doentes à própria sorte.

Finalmente, observamos que os mais variados campos da terapêutica, no amplo sentido do termo, mostram Tp com as diversas EC aqui delineadas, contudo, deve predominar, em cada setor ou especialidade, o tipo de EC mais sintonizada com a respectiva atividade.

Ainda que não acredite no potencial de cura do Pc ou dos RT, o Tp pode exercer uma atuação útil e de excelente qualidade; basta que ele tenha boa vontade e procure aprimorar seus conhecimentos. Isso é mais importante e acessível ao que tentar desenvolver um potencial de cura mais efetivo, só alcançável a longo prazo. Dar de si mesmo, no trabalho em que se ocupa, aperfeiçoando-se a cada dia, seria a prescrição para os terapeutas. Ainda que seja pequena, a contribuição a oferecer ao ramo da



ciência que o acolhe, generosamente, o Tp deve esforçar-se para obter o seu próprio crescimento profissional, detectando a luz divina em si mesmo e ao redor de si, porque as escrituras determinam: *dai antes esmolas do que tiverdes, e eis que tudo vos será limpo.* (Lucas 11:41)

A IGNORÂNCIA

21 – Retomando o versículo dois e três do presente caso de cura do Evangelho, percebemos a possibilidade de uma abordagem teológica, cujas implicações na enfermidade humana são imediatas. Retomemo-los sob novo prisma. Deste modo, poder-se-ia entender o versículo dois também assim: *Mestre, quem pecou, a criatura ou o Criador, para que se instalasse este quadro de imperfeição em todos os espíritos no início da marcha evolutiva?*

Esta indagação é bastante embaraçosa. Conciliar a perfeição divina como sendo a fonte deste mundo e da criatura humana tem sido o drama milenar da filosofia e da teologia. Criador e criatura encontram-se tão distanciados que fica quase impossível associá-los numa relação de paridade, tamanho o contraste.

Pecou o Criador gerando uma criatura desprovida dos caracteres divinos? Ou pecou a criatura, sendo daí castigada com a pena de ser ver despojada de seus valores perfeitos?

No versículo seguinte temos a resposta do Cristo. Por agora, basta-nos entender a complexidade para se analisar o desajuste de personalidade que é o núcleo da doença. Suas causas repousam no mais longínquo existir, e até hoje sofremos o eco dos acontecimentos nos primórdios de nossa criação.

Passemos, então, à resposta de Jesus: *nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus*, abordando o tema em três níveis: 1 – hereditariedade, 2 – progenitura psíquica e, 3 – paternidade divina.

22 – Quanto ao primeiro, extraímos da resposta de Jesus um notável esclarecimento. Quando acontece da doença não ser culpa do indivíduo nem tampouco dos antecedentes genéticos?

Acreditamos que tais casos se exemplificam através dos erros ignorados. Muitas pessoas não valorizam os pequenos sintomas, apostando na reação espontânea do organismo, mas as alterações prosseguem, minando a resistência e ocasionam distúrbios graves. Outro aspecto: os casos em que se crê na eficácia de determinada terapêutica e ocorre a agravação da patologia.

Nas classes sociais mais destituídas de cultura, os erros alimentares e higiênicos são responsáveis por enfermidades sérias, incidentes em vastas camadas desta população. A quem culpar? Ao doente que, desconhecendo os riscos, nadou em águas contaminadas por cercarias (esquistossomose) e complicou sensivelmente suas funções hepáticas, ou aos seus pais por não lhe gerarem com um fígado capaz de se proteger de qualquer agente agressor externo?

A enfermidade carencial de proteínas, vitaminas, ou seja, a desnutrição, mostra-se um fator causal bastante comum nas estatísticas de serviço médico na maioria dos países. Onde existe pobreza e fome, a saúde não encontra abrigo. A isto se alia, ferrenhamente, a ignorância das noções mais elementares de nutrição, e a superstição campeia de modo lastimável. Muitos alimentos valiosos são abolidos porque *fazem mal*. A doença, sob este prisma, possuiria como causa o fato imediatamente anterior ao seu aparecimento. Assim, os alimentos e os fatores climáticos são acusados todos os dias de desencadear os males mais terríveis.

Para que se manifestem nestes casos as obras de Deus, será necessário implantar uma nova civilização na face planetária, em que a justiça dos direitos humanos seja uma lei sagrada, proporcionando a cada cidadão as condições dignas de, entre outras, alimentação, teto e escola.

Segundo Kardec, só há verdadeira civilização *onde todos os homens de boa vontade estejam sempre seguros de não lhes faltar o necessário*².



CULPA

23 – Em relação à progenitura psíquica, os discípulos estariam interrogando a Jesus a quem caberia a culpa de alguém ser materialista (em suas múltiplas expressões): a ele mesmo ou àqueles que o influenciaram? A resposta, a princípio, parece incorrer numa indução à irresponsabilidade geral: *ninguém pecou*. Não nos precipitemos.

Certo homem mostra-se excessivamente ciumento em relação aos seus entes queridos. Zela por eles com extremada afeição, provendo com solicitude tudo que lhes seja necessário ou agradável. Esquecendo-se um tanto de si mesmo, não evita esforços para que suas vidas sigam em estabilidade e segurança. Entretanto, recusa-se a admitir ponderações sensatas em relação ao sentimento de posse que o domina. Trata-se, no seu entender, de procedimento absolutamente normal. Não sabe sequer dizer se este comportamento surgiu dele mesmo ou se o aprendeu de outra pessoa, o que acredita mais provável.

A culpabilidade de alguém não se avalia pela intensidade da falta, e sim pelo conhecimento do autor.

24 – Allan Kardec sintetiza, esplendidamente, o mecanismo da responsabilidade dos delitos quando afirma que *o homem é mais culpável à medida que sabe melhor o que faz*³. Para que se manifestem nele as obras de Deus, será preciso constatar que apesar de ciúme não lhe trazer remorso, incomoda-o profundamente. Não fora isto e teríamos uma situação com possibilidade de se perpetuar. Acontece que *com a inveja e o ciúme, não há calma nem repouso possível para aquele que está atacado desse mal: os objetos de sua cobiça, de seu ódio, de seu despeito, se levantam diante dele como fantasmas, que não lhe dão nenhuma trégua e o perseguem até no sono*⁴. Sua libertação ocorrerá em conseqüência de cansar-se deste sofrimento, o que o impelirá na aceitação de novas concepções que o reorientem em sua maneira de amar. A obra de Deus constitui-se na maravilhosa transformação realizada por este indivíduo, a refletir-se numa doação livre e espontânea, sem nenhum resquício de exigência ou domínio.

TEOLOGIA

25 – No que concerne à paternidade divina, a questão se torna demasiadamente profunda. Deus teria cometido algum erro criando-nos imperfeitos, sem dotar-nos de uma percepção capaz de identificá-lo, ou isto seria conseqüência de alguma falta grave perpetrada pelas criaturas?

Merece recordar, neste ponto, que *uma sensação de culpa, como se houvera feito um grande mal, reaparece no íntimo das pessoas com inusitada freqüência, após algum deslize, à semelhança de uma projeção ocasional de um sentimento culposo doentio entranhado na própria alma*⁵. Então, pode-se concluir que o ser humano guarda consciência de ter pecado. Sente como se em alguma etapa de sua existência espiritual houvesse infringido clamorosamente a lei, encontrando-se em penosa expiação.

A hipótese de um erro de Deus surge na concepção de haver dado à luz uma criação imperfeita ou incompleta, a qual também não é fácil de ser descartada. Definindo *pecado* como *transgressão de um preceito religioso; falta, erro, culpa, vício*⁶, e tendo a perfeição como mandamento, conforme a expressão *sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus* (Mateus 5:48), fica inacreditável que a Suprema Perfeição criasse seres imperfeitos; se o fizesse por incapacidade, Deus não seria perfeito, e se, podendo criá-los perfeitos, não o fizesse, seria leviano.

Você geraria um filho cego e surdo se pudesse concebê-lo sem estas deficiências? Se a criatura humana, com suas dilatadas imperfeições, dá o melhor de si mesmo para o bem-estar e felicidade dos descendentes, o que não fará aquele que Jesus nos revelou como Pai de tudo o que existe?

26 – Os diversos escritos de Pietro Ubaldi contribuem bastante para uma visão moderna deste transcendente e básico problema teológico.



Para entendermos as palavras do Cristo *nem ele pecou nem seus pais*, a nosso ver, temos que admitir que Deus criou-nos perfeitos, em consonância com o Seu estado de perfeição, sem o que teria cometido uma falta. O pecado das criaturas, confirmado por um universal sentimento de culpa, mostra-se mais difícil de ser contestado. Mas esta é a visão humana, de baixo para cima. Quando o Cristo fala, revela-nos a visão do Alto, e precisamos deslocar-nos para entendê-la.

Admitindo que os espíritos foram criados perfeitos e cederam à tentação da serpente, conforme o simbolismo bíblico (Gênesis 3:1), rebelando-se contra a ordem estabelecida, foram deslocados automaticamente para um curso de aprendizado (ocasionando a **queda do paraíso e o aparecimento da matéria**), cuja duração depende do rendimento individual, e que reintegrará a todos, indistintamente, no sistema original, em regime de plena harmonia. (Este tema é analisado em profundidade nos livros *Deus e Universo* e *O Sistema*, ambos de Pietro Ubaldi).

Olhando-se das Alturas, não houve pecado; simplesmente, opção do modo de integração no todo por uma via mais trabalhosa. *A Lei é boa com os bons e má com os maus, porque devolve ao ser o que dele recebeu, responde com a mesma linguagem que o ser usa falando com ela. Em si mesma a Lei não é nem boa, nem má, porque ela está acima de tudo, além do bem e do mal, cisão dualista que nela não existe, obra do ser devida à sua revolta. Na Lei não existem os conceitos de mal, erro, culpa, dor, que se encontram fora dela, na fase de emborcamento e desaparecem com regresso a ela*⁷.

27 – **Para que se manifestem nele as obras de Deus**, veremos também em duas etapas:

1 – com a evolução o espírito vai paulatinamente reconhecendo a sabedoria infinita que rege todos os fenômenos do universo, em especial, no que tange ao complexo binômio liberdade/responsabilidade;

2 – **as obras de Deus** sendo perfeitas, como já vimos, contém em si mesmas dispositivos de recondução dos espíritos à perfeição original, quando estes por abuso da liberdade concedida pelo Criador atuam contrariamente aos seus princípios superiores. Desta forma, todos nós marchamos, mesmo sem perceber, rumo a Deus, ou melhor, vamos nos conscientizando de que **nele vivemos, e nos movemos e existimos**. (Atos 17:28)

A partir do momento em que nos posicionamos como aprendizes da ciência de viver, qualquer acontecimento ou situação figura-se-nos não mais como punição inexplicável, e sim a uma lição valiosa e indispensável. O Senhor da Vida perde a imagem de Ser parcial e vingativo, transformando-se no amável educador de nossas almas imaturas. Não somos pecadores e nem Ele é irresponsável...

28 – A verdade é que o sofrimento decorrente da *queda* tende a diminuir progressivamente, na medida em que o espírito evolui e vai-se harmonizando com a Lei. As vicissitudes perdem suas forças aguilhoadoras e a alma comunga em regime mais constante com Deus. Igualmente detecta sempre mais o que há de melhor nas coisas e situações, desprendendo-se do lado involuído. Viver é uma bênção; as dificuldades, lições; a dor, limites a serem conquistados. Neste nível de evolução, o pecado em suas multiformes expressões é sobejamente conhecido, entretanto, o indivíduo não se lhe mostra suscetível; não se perturba pela ocorrência dele em seu ambiente.

A respeito da **queda**, Jesus informou a Nicodemos, de maneira irrefutável: **ora ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu...** (João 3:13).





Tendo dito isto, cuspiu na terra e com a saliva fez lodo, e untou com lodo os olhos do cego.
(João 9:6)

A SANTIFICAÇÃO DE TUDO

29 – Estranho ou, no mínimo, desusado método terapêutico este.

Que potência medicamentosa se obterá, associando-se saliva do Cristo a uma porção de terra? Seria este pedaço de chão dotado de propriedades curativas desconhecidas que se liberariam ao contato de secreção oral?

Samuel Hahnemann, o insigne descobridor da homeopatia, além de atenuar as substâncias tóxicas e venenosas transformando-as em medicamentos de inestimável valor, utilizou-se também daquelas consideradas inertes, dentre estas a areia, conhecida com *Silicea terra*.

Graças ao incansável Hahnemann, a medicina pode hoje incluir no seu arsenal farmacêutico todas as substâncias existentes, extraindo-lhes as virtudes reequilibrantes, muita vez, completamente insuspeitadas. Assim como na homeopatia, diversos recursos terapêuticos existem aguardando simplesmente que capturemos o mecanismo de atuação destes benefícios.

30 – *Cuspir na terra* poderia, a princípio, trazer-nos a idéia de desprezo. Este raciocínio permitiu uma demorada pregação dos cristãos sobre a maldição dos valores perecíveis, ao longo de muitos séculos. Nesta linha de análise, somente desdenhando os bens materiais se chegaria a conquistar o céu.

A postura de reprimir os impulsos naturais, entre eles o da atração sexual, como recurso para acelerar a evolução espiritual, produziu grande quantidade de desajustes psíquicos em religiosos e leigos. A proibição da ligação afetiva, coroada pela união sexual em clima de responsabilidade, mostra-se abertamente contrária aos ditames da natureza e embora o **Evangelho** admita os eunucos (Mateus 19:12), *O Livro dos Espíritos* complementa, alertando que, se o celibatário não se aproveitar desta condição para um serviço mais amplo ao próximo, estará incorrendo numa sutil modalidade de egoísmo. (questão 698 e 699).

A finalidade de se obter o lodo mediante a junção da saliva com a terra para com ele promover curas elimina por completo qualquer teoria de abominação dos bens materiais ou da carne. O que importa é dar-lhes uso digno. Deste modo, o lodo simboliza a utilização dos recursos do mundo no circuito de interesses mais nobres, isto é, coloca a matéria a serviço do espírito.

Aquele que assim faz, mostra um bom aproveitamento dos talentos que lhe são concebidos, representando o papel do solo fértil para os investimentos da vida, à maneira da semente que *caiu em boa terra e deu fruto*. (Marcos 4:8).





***E disse-lhe: vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado).
Foi, pois, e lavou-se e voltou vendo.***
(João 9:7)

O ENVIADO

31 – Um aspecto importante e que ressalta ao primeiro contato com o texto encontra-se no fato do Cristo obter do cego uma participação ativa nos procedimentos finais de cura. Temos, assim, indícios de que o enfermo é de um padrão, realmente, distinto da maioria das pessoas, capaz de colaborar em seu próprio tratamento. Aparentemente, a mulher hemorroíssa fez mais do que este paciente, pois se curou quase sozinha. Contudo, ela incidiu num erro básico, ao ocupar o papel do terapeuta de seu caso, limitando o resultado à sua capacidade. O cego de nascença, ao contrário, participa ativamente, mas segue as instruções que lhe são dadas, com presteza e segurança, e a melhora surge imediata.

32 – O restante do nono capítulo do Evangelho de João narra o testemunho do recém-curado – típico das almas de elevada envergadura – sendo que os últimos versículos mostram um diálogo interessantíssimo:

Jesus (...) disse-lhe: Crês tu no filho de Deus?

E ele respondeu e disse: Quem é ele, Senhor, para que nele creia?

E Jesus lhe disse: Tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo.

Ele disse: Creio, Senhor. E o adorou. (João 9:35 a 38).

A profundidade deste diálogo é notável. Quem é o filho de Deus? Ora, se Deus criou todas as coisas, e não há nada fora d'Ele, tudo o que **fala** com a criatura é filho do Criador. Cada ser no universo emite uma *voz*, se dá a conhecer por suas características; mesmo o elemento químico mais simples possui qualidades que o distinguem de todos os demais. À medida que evolui, a criatura se torna capaz de perceber mais *vozes* lhe falando, e o número de seres que aceita verdadeiramente como filhos de Deus aumenta. Quando alguém toca os nossos sentimentos é sinal de que conseguimos ouvi-la.

33 – Quando o Cristo lhe demonstra o aspecto divino de todos os seres, o ex-materialista passa a adorá-lo, o que com mais tempo deverá se estender a todas as demais criaturas.

Não há designação de tarefa específica, como ao hanseniano, porque o serviço transcende qualquer local ou grupo, e, paradoxalmente, pode ser feito em todos os lugares.

Para este tipo de discípulo, que já se libertou completamente do fascínio das doutrinas que só vêm a luz da sabedoria ou sinal de perfeição numa parcela do universo, insistindo em condenar a mínima coisa, ainda que sutil e impalpável, aplica-se este ensinamento de Jesus. E para que não houvesse dúvida de que tudo é sagrado e o cristão trabalhe livre, em toda parte, seja no interior de sua personalidade, seja no exterior de si mesmo, asseverou:

Loucos! O que fez o exterior não fez também o interior? (Lucas 11:40).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ UBALDI, Pietro, A GRANDE SÍNTESE, Rio de Janeiro, FEB, 1939, pág. 271

² KARDEC, Allan, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, 12ª edição, Araras, IDE, 1981, questão 793

³ KARDEC, Allan, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, 12ª edição, Araras, IDE, 1981, questão 637

⁴ KARDEC, Allan, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, 12ª edição, Araras, IDE, 1981, questão 933

⁵ ELIZALDE, Alfonso Mais, CICLO DE ESTUDOS HOMEOPÁTICOS EM BRASÍLIA, 1987

⁶ FERREIRA, Aurélio B. H., NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA – 14ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.

⁷ UBALDI, Pietro, QUEDA E SALVAÇÃO, Campos, Fundapu, 1984, pág. 213